CIÊNCIAS HUMANAS
REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
URI FREDERICO WESTPHALEN

DIÁLOGO EPISTEMOLÓGICO E ÉTICO EM UMA PERSPECTIVA REFLEXIVA DE EDGAR MORIN

DIÁLOGO EPISTEMOLÓGICO Y ÉTICO EN UNA PERSPECTIVA REFLEXIVA DE EDGAR MORIN

EPISTEMOLOGICAL AND ETHICAL DIALOGUE IN A REFLECTIVE PERSPECTIVE OF EDGAR MORIN

Claudir Miguel Zuchi[1]
Claudia Battestin[2]

RESUMO

O presente artigo é resultante de pesquisa bibliográfica que visa analisar a dimensão ética presente na vida das pessoas. Através do referencial teórico de Edgar Morin, é possível observar a importância e a necessidade de dialogarmos com a realidade histórico-crítica da sociedade e da Educação. Uma vez que, se os problemas e as mudanças caminham em ordem acelerada, concordamos que há necessidade de um pensamento complexo. Porém, qual é o espaço ético nessa discussão? Como refletir eticamente na experiência pedagógica, na elaboração do conhecimento? Questões como essas terão centralidade nesta investigação, a fim de pensarmos um caminho viável e ético para os problemas vigentes na educação e no mundo da vida.

Palavras-chave: Conhecimento. Educação. Ética. Morin.

INTRODUÇÃO

Inicialmente, considera-se necessário e essencial denominar através de uma pesquisa bibliográfica, que busca por meio de livros e artigos científicos, delimitar o que vem a ser a ética, uma vez que a mesma está presente constantemente em nosso vocabulário e, supostamente, nas nossas práticas e vivencias. A palavra *ethos* vem do grego "que significa analogamente modo de ser ou caráter, enquanto forma de vida também adquirida ou

[1] Doutorando em Educação
[2] Doutora em Educação

conquistada pelo homem" (VÁSQUEZ, 1984, p. 14), aquilo que nos identifica enquanto pessoas humanas. Segundo Vásquez (1984, p. 12) a ética "é a teoria ou ciência do comportamento moral das pessoas em sociedade". Essa é a compreensão conceitual do autor. Mas nosso intuito aqui, não é entrar diretamente nestes conceitos e sua distinção, ou seja, buscaremos compreender a ética e a sua complexidade através do pensamento de Edgar Morin. Refletir e dialogar[3] o conhecimento na perspectiva da educação escolar. A complexidade e a ética de compreensão como crítica no contexto da modernidade e da globalização. Procurar abordar e discutir o caminho epistemológico, ético nesta realidade. As obras de Edgar Morin e autores que refletem a questão do pensamento complexo pode ser uma possibilidade que sinaliza o enfrentamento com a temática, apontando uma atitude reflexiva diante de tal problemática. Assim, Morin indica algumas categorias e princípios como "luz" para compreender essa questão.

Em várias obras de Morin encontramos a definição de complexidade. Ele entende por complexidade "um tecido (*complexus*: o que é tecido em conjunto) de constituintes heterogêneos inseparavelmente associados: coloca o paradoxo do uno e do múltiplo" (MORIN, 2003a, p.20). O autor vai definindo, redefinindo, também em outras obras, a ideia de complexidade envolvendo o teor dos acontecimentos, da ordem e da desordem, da ambigüidade. Procura distinguir o que desintegra e unir o que integra o conhecimento.

O pensamento disjuntivo desintegrou as áreas do conhecimento e o próprio conhecimento em si. O paradigma da simplificação reduziu-o a uma compreensão como se fosse uma inteligência cega. Há necessidade do pensamento complexo. Qual é o espaço ético nessa discussão? Como refletir eticamente na experiência pedagógica, na elaboração do conhecimento?

Dialogar com essa realidade é uma necessidade. Diálogo que contempla o contexto histórico-crítico da sociedade e da educação. A crítica ajuda a rever, repensar as "estruturas" do conhecimento, de compreensão antropológica, ética, educativa e, quem sabe, promover novas práticas de como conviver neste mundo complexo e agir nessa realidade.

[3]O princípio dialógico ganha um novo enfoque em Morin, o de reconstruir o mundo vivido, "diz respeito às trocas, simbioses entre as entidades físico-químico-psíquicas que comandam a organização viva, em especial o homem e a sociedade" (ALMEIDA, 1997, p.33). Propõe uma reconceitualização da dialética, repensar o método. Esse princípio não opõe ordem e desordem, natureza e cultura, mas articula os elementos antagônicos dando novas perspectivas na reflexão do conhecimento.

O pensamento único colocou-nos no "brete", em um movimento solipsista, metafísico que atrofia o conhecimento e o humanismo. O pensamento complexo que ganha reconhecimento na reflexão, no diálogo epistemológico, na sociedade e nas discussões científicas, é um caminho que nos possibilita o enfrentamento com o pensamento moderno. Abre um novo dinamismo de pensar o humano, a compreensão ética, epistemológica, política, social, cultural e pedagógica. Para que esse dinamismo aconteça é necessário reformar o pensamento, repensar a educação, a concepção ética no campo educacional. É esse caminho que queremos percorrer no estudo: entender a ética no contexto da complexidade. O desenvolvimento da reflexão ocorrerá em três pontos: complexidade e ética da compreensão; a condição humana: entendimento do contexto vivencial e a religação dos saberes e da ética; e a autoética e a interface da compreensão na educação.

COMPLEXIDADE E ÉTICA DA COMPREENSÃO

O paradigma da modernidade marcou uma profunda mudança na maneira de construir o conhecimento, de compreender o ser humano e suas relações em sociedade. Fundamenta-se em pilares como a descoberta da subjetividade, a valorização do indivíduo, a hegemonia da razão, da liberdade individual e também a ideia de progresso. Essa racionalidade procura superar a racionalidade filosófica e teológica medieval, predominante até então, que buscava ter como fonte do conhecimento expressões de fé, a Bíblia e doutrinas cristãs que fundamentavam o pensamento metafísico. Agora o sujeito autônomo, a individualidade, a consciência, a responsabilidade moral e a identidade do eu passam a ser categorias que articulam o pensamento não só das ciências empíricas, da episteme, mas também o discurso pedagógico no campo da educação moderna.

Nossa intenção é trazer algumas ideias da concepção de subjetividade em Descartes e Kant, autores que influenciaram o pensamento da modernidade, e articular a reflexão de ambos com o pensamento de Morin como crítico desta teoria.

SUBJETIVIDADE CARTESIANA E KANTIANA

Descartes e Kant, dois teóricos da filosofia moderna, influenciaram a concepção subjetiva do conhecimento. Isto passou a forjar também um discurso pedagógico no campo

educacional. A razão passou a ser o centro do processo emancipatório e pedagógico, articulados nos fundamentos do iluminismo racionalista e do empirismo. Constituem-se assim os fundamentos metafísicos da modernidade, cuja marcha vai tecendo rumos irreversíveis das grandes conquistas e sucessos do homem. O mundo moderno é governado pela razão. Crença no poder imperial da razão. Tendo como base esta racionalidade, procurou-se pensar e organizar as cidades, as escolas, as moradias etc.

O sujeito cognoscente é o centro que movimenta a reviravolta ontológica e epistemológica. Fomenta a dimensão antropocêntrica-subjetivante da modernidade. Essa reviravolta foi chamada de razão técnico-instrumental, maneira moderna de refletir e responder aos problemas do conhecimento, da ética e outras questões da sociedade.

Descartes, considerado pai da filosofia moderna, descobre o sujeito como uma realidade pensante "penso, logo sou" e como existência, ou seja, o que chamamos o *ego cogitans* ou *a res cogitans* e a *res extensa*. O sujeito se constitui pela ação do pensar. O eu pensante é o princípio que inicia a filosofia moderna. O eu como interioridade reflexiva. Esse modelo cartesiano separa o sujeito e o objeto. Estabelece o primado da representação, a hegemonia do sujeito que corresponde, em princípio com o conteúdo presente na mente. O conhecimento é o que o sujeito pensa, reflete e dimensiona através da razão.

Edgar Morin critica a razão técnico-científica, redimensiona a razão e dá um sentido reflexivo buscando perspectivas em relação à complexidade do mundo moderno.

> O pensamento moderno é marcado por uma grande disjunção, muito bem-formulada por Descartes, entre dois domínios que se tornaram incomensuráveis, o do espírito, do sujeito, da filosofia; e o da matéria, da extensão do corpo, da ciência, da realidade empírica (MORIN, 2011a, p. 21).

Assim, Descartes justifica o saber, a moralidade cujo centro é o sujeito. É a primazia do sujeito no processo de conhecimento, portanto, também na compreensão da ética. Reconhece o corpo como a mais perfeita das máquinas; trabalha por impulsos naturais, o que é hoje chamado de reflexos condicionados. A crença a partir deste postulado cartesiano leva a pensar os efeitos dos instintos e desejos que podem ser controlados ou modificados pela mente, pelo poder da vontade racional.

Kant continua o pensar cartesiano no sentido de ter a razão e o sujeito como centro do desenvolvimento do conhecimento. A razão determina as possibilidades do conhecimento, as condições do conhecer estão no sujeito.

> No turbilhão de ideias que agitavam o século XVIII, Emanuel Kant buscava restabelecer os fundamentos da razão já agora ancorada na experiência da imanência histórica e da ciência. Propunha-se à gigantesca tarefa de salvar o espírito, a ciência, a moral e a religião sem, contudo, renunciar às conquistas do pensamento moderno. As soluções hão de buscar-se no horizonte do homem (MARQUES, 1988, p. 71).

Na *Crítica da Razão Pura,* Kant estabelece a razão organizadora, o horizonte da racionalidade. O sujeito é ativo, organizador e sistematizador do conhecimento. É a capacidade autorreflexiva da razão e seus princípios são dados de forma *a priori*, portanto, necessários e universais. É o que Kant chama de sujeito transcendental cuja razão possui uma força estruturante sobre os dados do mundo sensível. Martinazzo (2007, p. 9) afirma que "A filosofia transcendental kantiana impulsiona o pensamento moderno e coloca-se no centro do mesmo ao promover uma verdadeira revolução copernicana no ato de conhecer".

O sujeito é quem tem a luz própria. Nele encontram-se os princípios da emancipação, da autonomia, da liberdade e da moralidade. É na autonomia da vontade que o sujeito determina suas regras de ação e de responsabilidade pelas suas escolhas. Neste sentido, podemos dizer que o objetivo da educação é formar o indivíduo consciente e responsável por aquilo que faz, por suas atitudes. Kant concebe uma moralidade universal, força interna que vem pela bondade. A ética é vivida de forma análoga com as atividades humanas. Transpira toda uma construção do indivíduo, de sua autonomia. Sujeito autônomo, individual e social. Na educação, tratam-se da emancipação do espírito, condições para possibilitar a construção de sua autonomia. Superação do espírito instintivo. Pessoa moral, espírito emancipatório, autônomo, científico. O sujeito moral, plenitude das exigências da transcendentalidade que o torna ético. É o dever ser kantiano. Pensamento moderno, cuja crítica Morin procura desenvolver. É o que vamos refletir no ponto seguinte.

CRÍTICA DA MODERNIDADE E ÉTICA DA COMPREENSÃO

Diante das características do pensamento moderno, surgem críticas a esse modo de conceber o mundo, a sociedade, o ser humano. É o que estamos tematizando neste estudo, com a interpretação das obras de Morin no viés da complexidade e uma nova concepção de ética, diferente do modo de pensar moderno. Sobre a questão ética na modernidade, Oliveira (1993, p. 9) afirma que: "A problemática da ética, ou da ciência do ético, situa-se hoje, inevitavelmente, na relação ciência e ética, em decorrência do tipo de civilização que constitui

nossa epocalidade". Segundo Morin, a modernidade matou o projeto ético pela trajetória simplificadora, reducionista. É tarefa nossa desconstruir essa concepção e reconstruir a visão de razão na realidade da complexidade. Pontuar as contradições e dialogar com equilíbrio diante das situações, do mundo, da educação, nas relações sociais, na condição humana. Situar e discutir essa compreensão tendo presente a realidade multidimensional em que vivemos. Se por um lado temos na modernidade o grande momento da autonomia, também temos, ao mesmo tempo, certa cegueira diante da totalidade do mundo. A modernidade reduz o conhecimento ao conceito, não valorizando o sujeito no contexto histórico-social.

Reconhecer a importância do conceito e do sujeito do conhecimento como singularidade, mas também a totalidade que o envolve, a complexidade em que o mesmo se encontra. Pensar o humano, o conhecimento na complexidade em que vive, é uma tentativa de refletir o real, o mundo, os objetos nas configurações históricas da atualidade. Em cada período da história, mudam os conhecimentos, os objetos, a compreensão dos sujeitos. Mudam-se os paradigmas. Ter presente essa dimensão na ótica da totalidade e das incertezas, das dúvidas de cada período da humanidade.

A teoria da complexidade crítica a relativização do ser humano determinado pelas ciências, racionalismo, positivismo, mecanicismo. O paradigma moderno, simplificador, o seu modo de conceber o mundo reduz a realidade complexa em fragmentos, fraciona os problemas, separa o que está unido, torna unidimensional o multidimensional. Tecendo uma critica ao paradigma moderno, Morin (2003b, p. 43) descreve: "É uma inteligência míope que acaba por ser normalmente cega. Destrói no embrião as possibilidades de compreensão e de reflexão, reduz as possibilidades de julgamento corretivo ou da visão a longo prazo".

As ideias desenvolvidas ao longo do tempo possuem verdades, porém, os mentores esqueceram-se de ter consciência de si, de que não são absolutas. A teoria da complexidade quer mostrar que o real não é só o que foi interpretado, teorizado. Constituir novos caminhos, com novas ideias, teorias que permitem uma leitura nova, com criação e produção do conhecimento, com diálogo, com estratégias, com ética. Um conhecer em prol do ser humano. A ética da compreensão nos coloca diante do outro, do contexto o qual nos envolve comprometendo-nos com o outro, com aquilo que identifica a pessoa, com quem devemos conviver e desenvolver a realidade social que nos cerca. Ter comprometimento e compreender as certezas e incertezas, os conflitos, a tolerância e a intolerância, as incompreensões, o perdão e a impossibilidade do perdão. "Três procedimentos devem ser conjugados para

engendrar a compreensão humana: a compreensão objetiva, a compreensão subjetiva, a compreensão complexa" (MORIN, 2011b, p. 112). Tais procedimentos no diálogo do contexto em que vivemos são importantes para que tenhamos a ética da compreensão que humaniza, mesmo em meio às incertezas que envolvem a realidade humana.

> Portanto há uma ética da compreensão e, por outro lado, uma ética da aposta em relação à incerteza. Sabemos que Kant formulou uma moral, um princípio de universalidade que diz que nós devemos fazer aos outros aquilo que gostaríamos que eles fizessem a nós mesmos e tratar com equidade todo o outro, independente de sua raça e de sua religião. No entanto essa ética kantiana só leva em conta a intenção e não a materialidade da ação. O pensamento complexo nos diz que há uma ecologia da ação. A partir do momento em que lançamos uma ação no mundo, essa vai deixar de obedecer às nossas intenções, vai entrar num jogo de ações e interações do meio social no qual acontece, e seguir direções muitas vezes contrárias daquela que era nossa intenção. Logo nunca estamos certos se nossas boas intenções vão gerar boas ações (MORIN, 1997, p. 22-23).

A nossa resposta é que temos que apostar e ter estratégia. Apostar, pois não temos certeza que teremos a resposta que queremos e ter estratégia, a qual nos permite corrigir a ação e trilhar outro caminho que seja para o bem da humanidade. Neste sentido, torna-se significativo entender a condição humana e a religação dos saberes.

A CONDIÇÃO HUMANA: ENTENDIMENTO DO CONTEXTO VIVENCIAL E A RELIGAÇÃO DOS SABERES COM A ÉTICA

O que se quer nesta reflexão é elucidar algumas ideias para o entendimento da condição humana e a religação dos saberes com a dimensão ética no processo da educação dos sujeitos da educação.

Na era planetária precisamos pensar a condição humana e o conhecimento em seu contexto histórico-social. Pensar a humanidade com ideias cosmopolitanas. Reconceitualizar novas concepções a partir das teorias desenvolvidas na modernidade como em Descartes, Kant, Rousseau, Voltaire, Galileu Galilei, Hume, Bacon, Marx e outros autores que influenciaram as compreensões do homem, do conhecimento no contexto moderno. Morin, no livro *A cabeça bem-feita*, inicia o terceiro capítulo *A condição humana* citando uma frase do Emílio de Rousseau, "nosso verdadeiro estudo é o da condição humana" (MORIN, 2010, p.

35). O autor enfatiza a importância de sabermos, enquanto seres terrestres, a nossa verdadeira condição, de onde viemos, qual é nosso lugar no universo, como foi o surgimento da vida, para onde vamos, quem somos nós. Essas questões são inseparáveis destas outras: onde estamos, de onde viemos, para onde vamos?

> Trazemos dentro de nós, o mundo físico, o mundo químico, o mundo vivo, e, ao mesmo tempo, dele estamos separados por nosso pensamento, nossa consciência, nossa cultura. Assim, Cosmologia, ciência da Terra, Biologia, Ecologia permitem situar a dupla condição humana: natural e metanatural. Conhecer o humano não é separá-lo do universo, mas situá-lo nele (MORIN, 2010, p. 37).

Morin aponta essas áreas como ciências capazes de situar a dupla condição na complexidade do ser humano, "totalmente biológico e totalmente cultural" (MORIN, 2010, p. 40). A contribuição das ciências humanas, da cultura das humanidades, é fundamental para conhecer a condição humana. No campo da educação, faz-se necessário ensinar a condição humana, ensinar ao aluno que o homem é um ser multidimensional. Compreender sua natureza, o lugar onde habita, as necessidades de sustentabilidade, as novas tecnologias, os mecanismos que a sociedade utiliza para dominar o mundo, os problemas sociais e econômicos em que o ser humano está situado.

Entender a condição humana é ensinar a viver, aprender a viver e conviver. Essa questão aponta para a dimensão ética. A ética da compreensão humana nos faz sentir e conceber os seres humanos como integrantes e participantes neste processo. "A compreensão necessita de um conhecimento complexo. Para lutar contra as raízes da incompreensão é preciso um pensamento complexo. Daí, mais uma vez, a importância de trabalhar pelo pensar bem". (MORIN, 2011b, p. 123). O autor enfatiza o vínculo entre o conhecimento e a ética para que haja uma compreensão humana coerente, lúcida e ética.

> Literatura, poesia, cinema, psicologia, filosofia deveriam convergir para tornar-se escolas da compreensão, a ética da compreensão humana constitui, sem dúvida, uma exigência chave de nossos tempos de incompreensão generalizada: vivemos em um mundo de incompreensão entre estranhos, mas também entre membros de uma mesma sociedade, de uma mesma família, entre parceiros de um casal, entre filhos e pais (MORIN,2010, p. 51).

Explicar não é suficiente, compreender é fundamental. Morin, no campo pedagógico, propõe estudos interdisciplinares para refletir sobre a problemática que atinge a educação e as relações humanas como um todo. Buscar auxílio nas diferentes ciências como a Pedagogia, a

Filosofia, a Psicologia, Sociologia, História, para entender o contexto em que vivemos, nossos limites, contradições e possibilidades como sujeitos da educação que somos e podemos ser.

O caminho é o de uma ética humanitária. A globalização produziu transformações que atingem todos os setores da vida humana. Vive-se o imperativo da racionalização técnico-científica. Discutir esta concepção para enfrentá-la no ponto de vista antropológico, ontológico, epistemológico. Interligar essas questões a partir do chão histórico. Na interligação pensar o ético, o comprometimento humano, político, educacional, étnico. Ter certa unidade na diversidade e diversidade na unidade. Construir uma consciência identitária, sem atrofiar as diferenças. Pensar uma noção de humanidade para além das fronteiras, o reconhecimento da alteridade.

RELIGAÇÃO DOS SABERES E A ÉTICA

Morin reconhece a importância das disciplinas, das especialidades do conhecimento. Questiona a fragmentação, com a estrutura hierárquica vigente entre as disciplinas, essa tendência humana de simplificar tudo. Pensar esse contexto educacional e inserir no debate, na teoria da complexidade. Pensar o ambiente escolar, local, impregnado de heterogeneidade, espaço perfeito para que aconteçam as transformações de paradigmas e que este contexto seja compreendido, tenha significado para os alunos, professores, enfim, para a comunidade escolar. Possibilitar neste ambiente uma compreensão antropoética que viabilize o diálogo/reflexão humanista. Para estabelecer o princípio da consciência humanizadora, Morin cita Pascal: "A ética deve mobilizar a inteligência para enfrentar a complexidade da vida, do mundo, da própria ética" (MORIN, 2011b. p. 60).

Há necessidade de empenho para mudar a tradição educacional desenvolvida ao longo de inúmeros anos e reformar essa mentalidade através de um esforço complexo, importante para o futuro da educação. Para essa mudança, Morin (2003b) propõe os sete saberes: "as cegueiras do conhecimento: o erro e a ilusão"; "os princípios do conhecimento pertinente"; "ensinar a condição humana"; "ensinar a identidade terrena"; "enfrentar as incertezas";

"ensinar a compreensão e a ética do gênero humano[4]". É um caminho que precisa ser pensado, percorrido, compreendido em seu contexto para poder encontrar conexão com a existência, com a realidade educacional. Segundo Morin (2013) a religação dos saberes[5] promove a superação da concepção reducionista, da fragmentação e da simplificação do saber. Na obra "A cabeça bem-feita", escreve:

> Na escola primária nos ensinam a isolar os objetos(de seu meio ambiente), a separar as disciplinas(em vez de reconhecer suas correlações), a dissociar os problemas, em vez de reunir e integrar. Obrigam-nos a reduzir o complexo ao simples, isto é, a separar o que está ligado; a decompor, e não a recompor; e a eliminar tudo que causa desordens ou contradições em nosso entendimento (MORIN, 2010, p. 15).

A organização do pensamento contextualizado auxilia ao aluno a relacionar, dialogar, refletir, pensar as informações e religar os saberes, otimizando, assim, a aprendizagem. Referindo-se a esse pensamento, Morin escreve: "Mas se quisermos um conhecimento pertinente, precisamos reunir, contextualizar, globalizar nossas informações e nossos saberes, buscar, portanto, um conhecimento complexo" (MORIN, 2013, p. 556). Eis o desafio. "Para enfrentarmos o desafio da complexidade, precisamos de princípios organizadores do conhecimento" (MORIN, 2013, p. 567). A religação dos saberes possibilita um pensamento integrador, articulador do conhecimento e da ética da compreensão. Na religação dos saberes, da ética, promove-se um novo conhecimento comprometido com a vida pessoal e coletiva, solidárias com as situações humanas. No livro "O método 6", Morin afirma: "A religação é um imperativo ético que comanda os demais imperativos em relação ao outro, à comunidade, à sociedade, à humanidade" (MORIN, 2011b, p. 104).

Essa compreensão corresponde à antropoética. Aqui podemos pensar a frase utilizada desde a antiguidade por diferentes povos e religiões, a qual defende que não devemos querer para outrem aquilo que não desejamos para nós mesmos, ou seja, compreender o outro em uma justificativa intersubjetiva. Na "compreensão intersubjetiva os conhecimentos resultam de um entendimento, fundado em razões entre os participantes de um processo, numa situação ideal de fala" (MARTINAZZO, 2005, p. 196). Assim, a educação pode contribuir para que a pessoa se compreenda a si mesma e aprenda a conviver com o signo da diferença. Termos

[4] As palavras grifadas se referem aos capítulos do livro de Edgar Morin "Os sete saberes necessários à educação do futuro".
[5]"A religação dos saberes: o desafio do século XXI", obra organizada por Edgar Morin, que serviu de base para pensar ou repensar o ensino secundário na França.

consciência nesta religação e compreensão ética, aprendendo a condição humana na tríade indivíduo/espécie/sociedade.

A AUTOÉTICA E A INTERFACE DA COMPREENSÃO NA EDUCAÇÃO

A tarefa da educação é levar o homem à construção de uma subjetividade geradora de liberdade, autonomia e responsabilidade, base do processo de humanização. Criar espaços para discutir os referenciais que atingem o mundo complexo: educacional, político, socioambiental, da economia, da micro e da macro ética e dimensionar novas possibilidades de atitudes que sejam humanizadoras. Baseados na teoria da complexidade de Morin, elucidar elementos importantes para a formação do homem em seu contexto e enfrentar os desafios da sociedade global em que vive. Na complexidade a autoética e a intersubjetividade da compreensão na educação dinamizam a interface[6] entre os saberes.

Constata-se claramente na sociedade atual a perda das fontes e o desgaste da sacralidade ligada às éticas tradicionais. Acreditamos em uma autoética, uma ética da liberdade e na fé. "Eu não diviso uma ética sem uma fé por trás: isto me parece uma primeira condição" (MORIN, 2011, p. 41). Esta fé não é necessariamente religiosa. Pode-se falar da fé na fraternidade, da fé no amor, da fé na comunidade; elas são não o fundamento da ética, mas sua fonte de energia, aquilo que vai alimentá-la. Estar conscientes de que o imperativo ético existe em nós, que ele vai encontrar outro que não é menos forte: será preciso escolher, assumir um risco. Isto constitui o problema das contradições éticas. Um segundo problema é o da incerteza ética. Quando posso afirmar que as minhas intenções e ações são boas, justas?

> Os dois ramos da ética (ética cívica ou socioética, antropoética ou ética do gênero humano) devem, hoje, passar pela autoética: consciência e decisão pessoal [...]. A decisão e a reflexão próprias à autoética só são possíveis se o indivíduo experimenta a exigência moral que, como vimos, comporta uma fé nela mesma, sem fundamento exterior ou superior reconhecido (MORIN, 2011b, p. 92).

Segundo Morin, a concepção de uma autoética é um trabalho que se constrói de maneira permanente com autoconhecimento, autoelucidação, autocrítica. O caminho é longo,

[6]A interface é colocada aqui no sentido da construção do processo educativo através da religação dos saberes, da intersubjetividade, da inter e transdisciplinaridade na educação escolar.

difícil, mas devemos percorrer. A autoética não nos é dada. Construí-la e pensar que este problema de construção implica um problema de educação fundamental, talvez desde o início da escolaridade. Daí resulta o paradoxo bem conhecido, o de saber quem educará os educadores, já que os próprios educadores, que deveriam educar, não receberam em sua formação o sentido da complexidade do mundo no qual estamos.

Discorre-se que é no contexto da complexidade que podemos abrir a possibilidade de humanizar a ética através da reforma do pensamento articulado na tríade indivíduo/espécie/sociedade e construir uma cidadania planetária que emerge de uma ética consciente, de pertencimento da espécie humana, superando os preconceitos, o reducionismo e a simplificação da modernidade. Portanto, é bom promover o pensar bem na educação. O processo educativo visa dimensionar e desenvolver a aptidão de contextualizar, de pensar o complexo e integrar os conhecimentos particulares e integrá-los em seu contexto global. "A partir daí, o desenvolvimento da aptidão para contextualizar e globalizar os saberes torna-se um imperativo da educação" (MORIN, 2010, p. 24). Que princípios articulam esse caminho da educação escolar, da ética da compreensão, enfim da responsabilidade dos sujeitos da educação?

Vale a expressão de Montaigne, referindo-se à finalidade do ensino:

> [...] mais vale uma cabeça bem-feita que bem cheia [...]. Uma cabeça bem-feita significa que, em vez de acumular o saber, é mais importante dispor ao mesmo tempo de: uma aptidão geral para colocar e tratar os problemas; princípios organizadores que permitam ligar os saberes e lhes dar sentido (MORIN, 2010, p. 21).

Uma cabeça bem-feita que ajude despertar a capacidade de articular as ideias que estão sendo colocadas como fundamentos. Que ajude a pensar o pensamento e repensar as formas antigas e propor mudanças para o bem da sociedade, dos indivíduos. Uma educação escolar capaz de ressignificar o espaço, religar os saberes, discutir o conhecimento, do diálogo capaz de enriquecer a educação em meio à complexidade. Possibilitar uma compreensão intersubjetiva entre os indivíduos. Para isto Morin propõe a superação do pensamento disjuntivo, redutor, simplificador, por um pensamento que possa discernir e unir e se fortaleça em princípios do pensamento complexo dialógico, recursivo e hologramático, relevantes na compreensão educativa. Escreve Morin:

> Há, efetivamente, necessidade de um pensamento: - que compreenda que o conhecimento das partes depende do conhecimento do todo e que o conhecimento do todo depende do conhecimento das partes; - que reconheça e examine os fenômenos multidimensionais, em vez de isolar, de maneira mutiladora, cada uma de suas dimensões; - que conheça e trate as realidades, que são, concomitantemente solidárias e conflituosas (como a própria democracia, sistema que se alimenta de antagonismos e ao mesmo tempo os regula); - que respeite a diferença, enquanto reconhece a unicidade (2010, p. 88-89).

Morin sustenta essa proposta na teoria da complexidade que dinamiza o movimento do conhecimento, da eticidade, da educação escolar que não separa, isola, mas um pensamento que distingue e une, ou seja:

> O importante não é apenas a idéia de inter e transdisciplinaridade. Devemos "ecologizar" as disciplinas, isto é, levar em conta tudo o que lhe és contextual, inclusive as condições culturais e sociais, ou seja, ver em que meio elas nascem, levantam problemas, ficam esclerosadas e transformam-se. É necessário também o meta-disciplinar; o termo meta significa ultrapassar e conservar. Não se pode demolir o que as disciplinas criaram; não se pode romper todo o fechamento: há o problema da disciplina, o problema da ciência, bem como o problema da vida; é preciso que uma disciplina seja, ao mesmo tempo aberta e fechada (2010, 115).

A reforma do pensamento não parte do zero. Valoriza as diferentes áreas, disciplinas, mas articuladas em um processo educativo escolar que potencializa o diálogo, a construção do conhecimento, organizados na ótica da complexidade. Uma compreensão da complexidade real no movimento educacional que viabilize o compromisso ético na formação do cidadão. Uma educação pressupõe que o aluno possa desenvolver-se para construir soluções plausíveis inteligentes, num pensamento complexo, aberto e solidário.

A perspectiva educacional de Morin indica uma proposta de acompanhamento que envolva a pessoa em todos os seus propósitos. Cultive na prática educacional exercitando a liberdade, a promoção da vida, a autonomia. E em meio aos saberes da nossa era globalizada e das informações tecnológicas seja possível intensificar o diálogo e as políticas públicas nos espaços educacionais que possibilitem a compreensão e o respeito das diferenças, refletindo o processo de ensino-aprendizagem que abra horizontes e possibilidades humanitárias.

> Uma educação para uma cabeça bem-feita, que acabe com a disjunção entre as duas culturas, daria capacidade para se responder aos formidáveis desafios da globalidade e da complexidade na vida cotidiana, social, política, nacional e mundial (MORIN, 2010, p. 33).

Proporcionar, nos diversos níveis de ensino, uma reflexão contínua mobilizando a cultura científica e a cultura das humanidades, tarefa educacional necessária em nossa época.

Uma educação escolar que contribui com o desenvolvimento total da pessoa potencializando o protagonismo do aluno na elaboração do pensamento autônomo e crítico, para formular juízos de valor, de modo a poder decidir, fazer escolhas, conhecer-se a si mesmo e agir nas diferentes circunstâncias da vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente reflexão contém breves conclusões da temática desenvolvida, pois é um estudo que requer continuidade, conforme o próprio pensamento de Morin, o qual orienta que a elaboração do conhecimento é permanente.

O diálogo epistemológico e ético, numa perspectiva reflexiva na educação escolar, foi uma opção escolhida para compreender a ética no contexto da teoria da complexidade de Edgar Morin. Temática tratada nas diferentes obras escritas por ele, tecendo uma crítica à racionalidade moderna cujo pensamento é reducionista, simplificador que atinge todos os setores da vida humana através do imperativo da racionalidade técnico-científica, voltada para a produtividade, o consumo e o lucro comprometendo a natureza e as atuais e futuras gerações.

É emergente a necessidade de pensar a educação escolar na lógica da teoria da complexidade. Pensar bem, reformar o pensamento, conduzir o processo educacional para dialogar e pensar o mundo complexo em que vivemos. O diálogo e a discussão com diferentes ideias nos possibilitam relacionar os diferentes saberes, as ambivalências existentes, seus erros, limites, avanços, a insegurança frente ao mundo da vida pessoal, social, cultural, econômica, da ética, da política, da natureza, educacional. Refletir e participar da elaboração do conhecimento. Como pensar a formação dos sujeitos da educação? Quem são os sujeitos da aprendizagem, do conhecimento?

A esperança de Morin é a reforma do pensamento, necessária para uma compreensão da cidadania planetária e de uma antropoética, promovida pelo processo de ensino-aprendizagem escolar. Tal reforma precisa ser repensada na condição de organizar e produzir conhecimentos na prática pedagógica. A partir da compreensão da ética no contexto complexo, ter uma antropoética considerando a condição humana de indivíduo/espécie e sociedade. Refletir é necessário, mas no contexto da prática escolar, articulado nos diferentes

níveis do ensino. Pensar bem, uma compreensão da antropoética a nível planetário. Os sujeitos éticos deverão surgir neste dinamismo dialógico e reflexivo em prol da humanização.

O desafio é globalizar um "novo olhar" do humano, da convivência, quem sabe uma espécie de cooperação para humanizar as condições vivendo um novo tempo, com novos rostos, novas culturas, novas crenças, nova compreensão educacional e ética na condição humana. É um caminho que podemos percorrer a nível local, regional e planetário. Sempre.

RESUMEN

Este artículo resulta de una investigación bibliográfica que objetivó analizar la dimensión ética presente en la vida de las personas. A través del referencial teórico de Edgar Morin es posible observar la importancia y la necesidad de dialogar con la realidad histórico-crítica de la sociedad y de la Educación. Si bien los problemas y los cambios se dan de forma acelerada, estamos de acuerdo que se hace necesario un pensamiento complejo. Pero, ¿cuál es el espacio ético en esa discusión? ¿Cómo reflexionar éticamente en la experiencia pedagógica, en la elaboración del conocimiento? Cuestiones como ésas tendrán centralidad en esta investigación, para que pensemos un camino viable y ético a los problemas vigentes en la educación y en el mundo de la vida.

Palabras-clave: Conocimiento. Educación. Ética. Morin.

ABSTRACT

This paper is a result of a bibliographic research that aims to analyze the ethic perspective that exists in the people's lives. Through Edgar Morin's theoretical reference, is possible to observe the importance and the necessity of establish a parallel with the historical-critical reality of the society and of the Education. Once that, if the problems and the changes move in a fast pace, we agree that there is a necessity of a complex thought. However, what is the ethical space in this discussion? How to reverberate ethically in the pedagogical experience, in the creation of the knowledge? Questions like these will be the focus in this investigation, in order to think a viable and ethical way for the current problems in the education and in the world of life.

Keywords: Knowledge. Education. Ethics. Morin.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, C. Complexidade, do casulo à borboleta. In: CASTRO, G.; CARVALHO, E.A.; ALMEIDA, M.C. (Orgs.). **Ensaios de Complexidade**. Porto Alegre: Sulina, 1997, p. 25-45.

MARQUES, M.O. **Conhecimento e educação.** Ijuí: Editora UNIJUÍ, 1988. 190p.

MARTINAZZO, C.J. **Modernidade, subjetividade e educação**. Ijuí: Editora UNIJUÍ, 2007. 138p.

_____. **Pedagogia do entendimento intersubjetivo:** razões e perspectivas para uma racionalidade comunicativa na pedagogia. Ijuí: Editora UNIJUÍ, 2005. 232p.

MORIN, E. **Rumo ao abismo?** Ensaio sobre o destino da humanidade. Tradução: Edgar de Assis Carvalho e Mariza Perassi Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011a. 192p.

_____. **O método 6:** ética. Tradução: Juremir Machado da Silva. 4.ed. Porto Alegre: Sulina, 2011b. 224p.

_____. **A cabeça bem-feita:** repensar a reforma, reformar o pensamento. Tradução: Eloá Jacobina. 18.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010. 128p.

_____. **A religação dos saberes:** o desafio do século XXI. Tradução: Flávia Nascimento. 11.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013. 588p.

_____. **Introdução ao pensamento complexo**. 4.ed. Lisboa: Instituto Piaget, 2003a. 120p.

_____. **Os setes saberes necessários à educação do futuro.** Tradução: Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. 8.ed. São Paulo: Cortez; Brasília/DF: UNESCO, 2003b. 102p.

_____. Complexidade e ética da solidariedade. In: CASTRO, G.; CARVALHO, E.A.; ALMEIDA, M.C. (Orgs.). **Ensaios de Complexidade**. Porto Alegre: Sulina, 1997, p.15-24.

OLIVEIRA, M.A. **Ética e racionalidade moderna**. São Paulo: Loyola, 1993. 194p.

PENA-VEJA, A.; ALMEIDA, C.R.S.; PETRAGLIA, I. (Orgs.). **Edgar Morin***:* ética, cultura e educação. São Paulo: Cortez, 2001. 175p.

VÁSQUEZ, A.S. **Ética**. 7.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984. 282p.